

Aparecida Santana de Jesus (PPGA-UFS/Sergipe)

Palavras-chave: Jurema; Neoxamanismo; Terapias.

Introdução

Este artigo traz algumas reflexões a partir da pesquisa que realizei no âmbito do Mestrado em Antropologia da Universidade Federal de Sergipe, tendo como tema central o uso da Jurema em contextos de vivências terapêuticos. Por meio deste estudo, procurei analisar as práticas e os sentidos associados à Jurema em “rituais neoxamânicos”² em Sergipe.

O termo “jurema” remete a um conjunto variado de espécies botânicas da subfamília *mimosoideae*³, presentes em ambientes semiáridos na América do Sul (SANTOS-SILVA, FRAGOMENI; TOZZI, 2015). No universo das religiões, dos rituais e dos saberes dos povos indígenas nordestinos, há registros de uma ampla utilização de algumas destas espécies na preparação do chamado “vinho da jurema”, banhos, defumação, rituais de conexão com o sagrado, rituais de proteção e de cura, dentre outros aspectos (GRÜNEWALD 2018; MOTA, 2005, SALLES, 2004).

Por esta razão, como demonstra Mota (2017) “jurema” é uma categoria polissêmica que pode estar associada a uma bebida fermentada com propriedades mágicas, ao reino dos encantados, ao princípio de tudo, e ao lugar mítico de origem, dentre outros significados. Assim, o fenômeno cultural conhecido como Jurema mostra diversas faces simbólicas.

¹ Trabalho apresentado na 33ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 28 de agosto a 03 de setembro de 2022.

² Neoxamanismos seriam “[...] novos modelos de espiritualidade, terapia, consumo e sociabilidade, em que a ‘tradição’ torna-se um recurso simbólico e retórico fundamental” (Fernandes Apud Oliveira, 2012, p. 32).

³ Existem muitas Juremas por toda parte do Brasil e do mundo, como na maior parte da América Central, em especial México, também no Oriente Médio, norte da África, só para citar alguns. O nome Jurema se diferencia em cada um desses lugares, mas ao que tudo indica, seus usos tradicionais parecem não acontecer nestes espaços, ou então não foram ainda registrados de forma acadêmica. A grande menção que temos desses usos tradicionais da Jurema é mesmo tida no Brasil, na região do semi-árido nordestino, em especial a Jurema Preta, da qual há muitas deste tipo, que seria a espécie *Mimosa tenuiflora* (GRUNEWALD, 2005).

A utilização da Jurema em contextos rituais vem sendo registrada desde o período colonial, entre populações indígenas, bem como no campo religioso nos meios rurais e urbanos. Atualmente, as experimentações por parte dos psiconautas⁴ buscam além de experiências “místicas”, aperfeiçoar receitas a fim de obterem as melhores extrações psicoativas, conhecendo melhor o estudo acerca da composição e de ações bioquímicas da Jurema (GRÜNEWALD, 2018).

As plantas enteógenas⁵ também chamadas de plantas de poder, são marcadas por um longo caminho de estudo e uso terapêutico por diversos povos da humanidade desde muito tempo. Assim como Ayahuasca⁶, a Jurema também é uma planta de poder, pois permite acesso ao mundo espiritual, e a diversos níveis de curas. Entender as propriedades da planta é central para compreender as discussões antropológicas sobre a Jurema, pois devido seu alto nível de DMT⁷ é que ela acabou sendo resgatada para usos contemporâneos (terapêutico e espiritual) (GRÜNEWALD 2005; 2008).

Sobre esse universo das plantas de poder, há longo estudo sobre a Ayahuasca, principalmente em contextos urbanos, como os trabalhos de Beatriz Labate (2000; 2012), Edward MacRae (1992; 1999). Por outro lado, sobre o uso da Jurema, aparentemente, ainda há muito poucos estudos, estando a Jurema mais fortemente estudada em seu

⁴ “Os psiconautas são um grupo de pesquisadores e estudiosos das plantas que engloba pessoas com formações diversas, tais como químicos, botânicos, micólogos (estudiosos de fungos), psicólogos, historiadores, antropólogos, entre outros. Uma diferença entre este grupo e os demais pesquisadores acadêmicos reside no fato de que os primeiros possuem obrigatoriamente também uma *forte conexão pessoal com o universo dos psicoativos*. Tais sujeitos defendem o conhecimento direto e insubstituível da vivência pessoal da experiência: as pesquisas por eles produzidas são produto de suas experiências. Os psiconautas são acima de tudo *experimentalistas*, conhecem profundamente enorme quantidade de substâncias” (Labate, 2000, p. 340).

⁵ “A expressão vem do grego e foi cunhada por Gordon Wasson (Ruck, Bigwood, Staples, Ott e Wasson 1969) para se referir às plantas que são usadas como meio de se atingir um contato com o mundo espiritual e com os seres divinos. Na medida em que se opõe ao termo ‘alucinógeno’, o qual, remetendo a ideia de ‘alucinação’, tenderia a reduzir as experiências baseadas no uso de substâncias alteradoras da consciência a uma percepção falsa e ilusória da realidade – associando-as, muitas vezes, a casos patológicos -, além de enfatizar apenas as alterações perceptivas, em detrimento daquelas afetivas e intelectivas, que também caracterizam os efeitos destas substâncias” (Carneiro; Goulart; Labate, 2005, p. 31).

⁶ “Ayahuasca é uma palavra quíchua, cuja tradução para o português nos remete às expressões: ‘vinho dos mortos’, ‘cipós das almas’, ou ‘liana dos espíritos’. Trata-se de um chá de origem ameríndia feito com duas plantas endêmicas: os cipós *Banisteriopsis caapi* juntos às folhas de outro vegetal a *Psychotria viridis*. Práticas culturais envolvendo este chá foram observadas inicialmente entre alguns povos indígenas e propagadas entre ‘mestiços andinos’ (os vegetalistas), seringueiros e usuários urbanos do chá atualmente localizados no Brasil e no exterior” (Lira, 2016, p.13).

⁷ “Também chamada de *N, N-dimetiltriptamina*, conhecida por Strassman (2019) como a ‘molécula do espírito’ que, abre para a nossa consciência o acesso às mais impressionantes e inesperadas visões, pensamentos e sentimentos” (Strassman, 2019, p. 65).

contexto ritual e religioso, como bem tratou Clarice Mota (2005; 2007), Rodrigo Grinewald (2005; 2008; 2018), Sandro Salles (2004; 2010).

Desta maneira, este trabalho busca contribuir para ampliar a compreensão em torno do uso da jurema nos centros urbanos em contextos terapêuticos ligados aos chamados “rituais neoxamânicos”. Trago aqui algumas considerações sobre a minha aproximação a este universo, bem como algumas questões que foram sendo reveladas no decorrer da pesquisa. Os nomes dos interlocutores e demais pessoas envolvidas não serão mencionadas, para preservar suas identidades.

A minha aproximação ao universo das plantas de poder

Minha experiência com as plantas de poder não é recente. Essa caminhada iniciou no ano de 2011. Naquele período eu estava dando aulas de História em um Colégio do Estado de Sergipe e conheci uma professora de Português, que viria a se tornar uma grande amiga. Foi ela que me falou do uso da Ayahuasca nos rituais do Santo Daime pela primeira vez. Mencionou que o filho estava frequentando e que já havia percebido o quanto ele estava mudando de comportamento em casa, estava mais calmo, amoroso. Na oportunidade, ela disse que gostaria de conhecer o Santo Daime e me chamou.

Por uma série de razões, não conseguimos ir juntas. Ela chegou a conhecer primeiro, e me relatou um pouco de sua experiência. Confesso que despertou em mim, a curiosidade, e, em meados de agosto a setembro de 2011, tive a oportunidade de conhecer o Santo Daime e toma o chá Ayahuasca (também chamado de Daime) pela primeira vez.

Depois de um tempo, passei a frequentar assiduamente o Santo Daime, fui tendo diversas experiências, dentre elas, a questão mediúnica foi se apresentando fortemente para mim, em quase todos os trabalhos. Tinha experiências com seres espirituais, entidades, que iam fazendo contato comigo, buscava compreender a presença e as possíveis mensagens que poderiam existir, era um caminho muito novo e cada vez mais foi despertando em mim a vontade de seguir e fazer parte desta doutrina.

Sentia que era ali que tinha que seguir, aprendendo e crescendo espiritualmente, pessoalmente. Depois de um ano frequentando, durante um Festejo de São João no ano

de 2012, tive o chamado do Mestre Irineu⁸, para fazer parte do batalhão da Rainha, o que quer dizer, servir como soldado à Virgem da Conceição ou Rainha da Floresta. Mas só em dezembro deste mesmo ano, no Festejo da Virgem da Conceição, é que me fardei. O fardamento é um ritual, marcado entre outras coisas pela colocação de uma estrela no peito, como simbologia a um distintivo da Virgem da Conceição, fazendo parte do seu batalhão.

Durante o meu primeiro ano no Daime, tive a oportunidade de conhecer outra planta de poder, a Jurema, dentro de um “ritual neoxamânico”, que ocorreu no mesmo espaço onde acontece o Daime, na cidade de Aracaju, em Sergipe. Foi uma experiência muito diferente, no entanto, da que estava acostumada no Santo Daime, começando pelo ritual em si.

No Daime temos as fardas, a divisão no salão, entre homens de um lado e mulheres do outro, todo o trabalho tem a execução de hinos musicados que cantamos, junto com instrumentos como o maracá. No “ritual neoxamânico” com a Jurema foi totalmente diferente. O trabalho foi guiado por um Xamã, que já havia sido fardado do Santo Daime. Estávamos todos posicionados em círculo, não havia divisão entre homens e mulheres, os cânticos alguns eram do Santo Daime, mas outros não. Tive uma sensação de mais liberdade, senti que minha mente poderia ir mais longe, pois o ritual da Jurema me permitiu isso, até as sensações, cheiros, sons e visões astrais foram diferentes do que já tinha vivido no Daime.

Depois desta primeira vez com a Jurema, segui participando destes rituais. Cada experiência era única, e mesmo as duas plantas tendo composições similares como o DMT, elas parecem ter energias diferentes, pois também seus rituais eram distintos. Fui criando uma familiaridade também com esta planta e com estes rituais, além da afinidade com o Xamã e os “irmãos” de caminhada que ali partilhavam do uso dessas plantas de poder.

Me encontrava no início da uma jornada espiritual com as chamadas plantas de poder, era tudo novo, mas ao mesmo tempo familiar, uma sensação de acolhimento,

⁸ “Raimundo Irineu Serra, era um típico líder carismático (WEBER, 1991). Mestre Irineu, como era conhecido entre os adeptos, codificou uma religião que aglutina forte influência do catolicismo popular, ocultismo, e tradições indígenas – a ingestão da bebida ayahuasca é o aspecto ritualístico principal da religião daimista” (FERNANDES, Saulo Conde. Xamanismo e Neoxamanismo no circuito do Santo Daime, 2014).

despertava em mim, novas experiências mediúnicas, com visões, seres, sensações, ensinamentos. Poder ter acesso a este universo sagrado das plantas, me impulsionou a seguir adentrando nestas “matas sagradas”. Mas claro, também houve momentos fortes, difíceis, mas necessários para meu crescimento pessoal, espiritual.

Tanto o Daime, quanto a Jurema realizaram muitas curas e ensinamentos. Entendi que era para meu melhoramento enquanto pessoa, muita coisa em mim foi trabalhada enquanto tomei Daime e Jurema. Fui conciliando minha agenda, com os rituais do Daime e da Jurema por um tempo, depois de uns dois anos, algumas mudanças foram ocorrendo.

Ao longo desta caminhada um novo espaço, em um outro município, próximo de Aracaju, a capital, em Sergipe, foi sendo construído por Francisco⁹, em parceria do nosso dirigente do Santo Daime. Neste novo local, além dos rituais da Jurema, do Daime, passaram a ocorrer as giras de umbanda e outros trabalhos espirituais. A casa tem uma estrutura ampla, pensada para realização de diferentes trabalhos rituais e terapêuticos, sendo cada trabalho, conforme um calendário e forma específico.

Esse novo espaço foi inaugurado com meu fardamento no Santo Daime em dezembro de 2012, sendo assim, foi o primeiro trabalho de Santo Daime neste novo espaço. Passamos a fazer os trabalhos de Daime lá de 2012 até 2018, quando depois retornou para o espaço antigo em Aracaju. Os trabalhos de umbanda, que eram realizados pelo nosso dirigente do Santo Daime, aconteceram pouco tempo por lá. Segundo liderança do nosso grupo, os guias pediram para permanecer no espaço antigo. Já os trabalhos com a Jurema, seguem no novo espaço até hoje. Mas atualmente, novos trabalhos estão sendo realizados neste local, alguns, dirigidos pela esposa do xamã, como as giras de umbanda e o evangelho no lar. Além disso, há também cursos e vivências e os trabalhos com a Jurema passaram por algumas modificações no decorrer do tempo.

Apesar das experiências que tive. Não me tornei frequentadora assídua do espaço. O local, apesar de muito adequado para os rituais, era um pouco distante para mim naquela época. Como estava fardada no Santo Daime, passei a me dedicar mais a doutrina. Minhas idas ao novo espaço, entanto, foram retomadas mais à frente por ocasião deste trabalho. Além disso, estava frequentando as giras de umbanda, próximo a minha residência em Aracaju, e nosso dirigente do Santo Daime, não estava mais podendo

⁹ Nome fictício para não revelar sua identidade, também chamado aqui de xamã em alguns momentos, por ser considerado assim durante sua caminhada.

participar dos rituais da Jurema com o xamã daquele novo espaço. Assim, a partir de 2013 passei a me dedicar somente ao Daime e a umbanda, ficando um tempo sem participar dos rituais com a Jurema.

Ao longo dos anos, o nosso dirigente aprendeu junto ao xamã, a preparar a Jurema e tivemos experiências de feitiços. Com isso, a Jurema passou a ser incorporada nas giras de umbanda, trabalho este, também realizado pelo nosso dirigente do Santo Daime, em dias diferentes ao calendário daimista, além de vivências com Jurema que ele também dirige. Então, aproximadamente por volta de 2015, a Jurema passou a estar associada a muitos rituais ao meu redor, com o tempo, passei a voltar a tomar Jurema, em paralelo aos trabalhos de Santo Daime.

Por volta de 2015, a convite de um professor da Universidade Estadual da Bahia, tive a oportunidade de ir junto com meu dirigente, a uma aldeia, e, lá estava eu, adentrando estas “matas sagradas” do Povo Pankararé, na região do Amaro, Raso da Catarina no estado da Bahia. Fomos participar da Festa do Amaro, em que eles realizam o ritual dos Praiá. Nesta ocasião, a Jurema foi servida para todos os presentes e depois de bebê-la, o povo Pankararé fez o Toré e nos convidou a participar. Com isto, tive oportunidade de dançar o Toré pela primeira vez.

Por meio destas experiências, pude perceber que beber Jurema, seja na aldeia, ou na cidade, apesar de diferentes rituais, continha uma dimensão sagrada. Nestes diferentes rituais, me encantou a força, a luz e o ensinosa desta planta. Assim, foi-se construindo uma afinidade e uma rede de contatos no decorrer da minha caminhada espiritual.

Ao longo deste tempo, além dos rituais com a Jurema dirigidas com o xamã, haviam os rituais na umbanda e as vivências com nosso dirigente. E mais dois novos grupos (em Alagoas onde a dirigente é uma indígena, fardada do Santo Daime que residia em Paulo Afonso-BA e na Serra dos Morgados -BA, onde o dirigente é um professor da Universidade) foram nascendo a partir destas redes de contatos e afinidades com rituais da Jurema, com o apoio do nosso dirigente e também do xamã.

Pude participar dos rituais com a Jurema em todos esses lugares, cada um com seu formato e rituais próprios, e mesmo tendo a Jurema com elemento que os une, seus rituais se diferenciam. Mas uma coisa é certa, é rica a musicalidade e a força da planta em todos estes lugares.

Enquanto definia o campo de estudo, já que existia a possibilidade de pesquisar em um dos três grupos: Alagoas, Bahia e Sergipe. Entre leituras, visitas, e diálogos, percebi que um dos grupos, o de Sergipe, realiza seus trabalhos de Jurema associado a terapias, e assim, para alargar a compreensão sobre esta temática, resolvi efetivar a pesquisa junto a eles.

A Jurema como elemento terapêutico

Dentre as espécies de Jurema utilizadas nos rituais no Nordeste brasileiro, seja entre os povos indígenas, seja em seu contexto mais tradicional no campo religioso, destaca-se a *Mimosa tenuiflora* ou Jurema-Preta. Rodrigo Grünewald (2019) menciona que:

Nas entrecascas das raízes encontram-se largas concentrações do alcaloide N, N-dimetiltriptamina (DMT), que é considerado um alucinógeno pela medicina moderna. Já para seus experimentadores, ela é tida como um enteógeno, tendo em vista sua capacidade de promover experiências místicas” (GRUNEWALD, 2019, p.114).

Sobre as experiências no campo espiritual, Medeiros (2006) afirma:

É o caso do uso ritual da Jurema, uma forma de culto, ligado ao uso de espécies botânicas (entre as quais a espécie *Mimosa tenuiflora*, anteriormente chamada de *Mimosa hostilis Benth.*) para a fabricação de uma bebida sagrada capaz de levar o ser humano a percepção e a comunicação com outros níveis de existência (o “mundo espiritual”, o “mundo dos ancestrais”, o “mundos dos encantados”), assim como desempenhou o papel de elemento de ligação e de coesão grupal ou étnico nos momentos das guerras e das lutas, do período colonial, até os nossos dias (MEDEIROS, 2006, p. n/p).

Pordeus Junior (2014), por sua vez, aborda o poder curativo da Jurema, desde o uso das folhas para banhos de desenvolvimento espiritual, a casca para a elaboração de chás e beberagens com fins purgativos e cicatrizantes. Além disto, chama atenção para o fato de que, do ponto de vista religioso, a elaboração do ‘licor sagrado’ da Jurema tem como principal objetivo garantir melhor e mais fácil sintonia entre o mundo material e o espiritual, por aqueles que dela fazem uso. A jurema é considerada ainda, de acordo com o autor, uma entidade ‘cabocla’ ou divindade, tanto pelos indígenas, como em outras religiões, como na Umbanda (PORDEUS, 2014).

Conforme Grünewald (2018), nas últimas décadas tem se registrado também a utilização crescente da Jurema como parte do repertório das plantas de poder e de outras substâncias, entre os chamados ‘psiconautas’.

Nas palavras do autor:

A partir da segunda metade da década de 1990 surgiu um novo enteógeno que passou a ser chamado simplesmente de jurema por seus usuários. No Brasil, de fato, esse psiconautismo se processou associado principalmente às tradições daimistas, umbandistas e orientais no âmbito geral do contexto da Nova Era ou daquilo que Soares (1994) chamou de “misticismo alternativo no Brasil”. Brevemente, psiconautas são pesquisadores experimentalistas que, mesmo amparados pela racionalidade científica e preocupados com efeitos fisiológicos e bioquímicos, estão interessados nos estados místicos acessados por meio da ingestão de psicoativos. O termo psiconauta, inaugurado por Ernst Jünger (1970), tem sua origem no grego (psiché e naútés) e significa literalmente viajante da alma ou mente. Esse termo, a meu ver, poderia ser aplicado inclusive a muitos atores sociais que desde o início da humanidade buscaram o transe a partir da pesquisa e da experimentação com elementos botânicos, conforme nos lembra Luz (2015). Hoje em dia, com a ciência moderna, os psiconautas são experts no conhecimento molecular das plantas e de sua atuação no cérebro humano. Certamente, poderíamos estender o termo psiconautismo às experimentações com as substâncias psicóticas sintéticas, as quais poderiam ainda ser consideradas enteógenas, caso façam manifestar o divino na pessoa (GRÜNEWALD, 2018, p 126).

Para entendermos melhor o uso da Jurema em diferentes contextos, penso que é importante inicialmente chamar atenção para características da chamada “molécula DMT”, presente tanto na Ayahuasca, quanto na Jurema. Conforme Rick Strassman (2019), o DMT é visto como a “molécula do espírito”, que abre a consciência humana para visões impressionantes e inesperadas, de forma que, além de inebriar sentimentos, ela “escancara” uma visão para mundos que transcendem a imaginação. A DMT faz parte do metabolismo dos seres humanos e outros mamíferos. Ela existe, portanto, em todos os nossos corpos, além de estar presente em espécies do reino vegetal, sendo mais facilmente encontrada em plantas da América Latina.

Sobre a DMT ele afirma:

Ela é uma ferramenta ou um veículo. Podemos entendê-la como um barco rebocador, uma carruagem, um batedor, ou bandeirante sobre o um cavalo, isto é, um engate para nossa consciência. Ela nos traciona para dentro de mundos que apenas ela conhece. E nós precisamos nos segurar firmes e estar preparados, pois os domínios espirituais incluem tanto o céu quanto o inferno, tanto a fantasia, quanto ao pesadelo (STRASSMAN, 2019p. 78).

Strassman (2019), ressalta ainda que o DMT é um “alimento para o cérebro”, tornando-se parte de um sistema de “alta rotatividade”, sendo transportado pelo cérebro de maneira ativa por meio de seu sistema de defesa. Dessa forma, compreende-se que o DMT é necessário para que a função cerebral normal seja mantida.

Sobre os primeiros estudos químicos acerca da Jurema, tanto Grünewald (2005) quanto Mota (2007), afirmam que foram feitos pelo pernambucano Gonçalves de Lima, em 1943, que identificou a presença de um alcaloide, que chamou de "nigerina", (atualmente conhecido como Dimetiltriptamina - DMT) no Ajucá, ou Vinho de Jurema, preparado pelos índios Pankararu com a planta Jurema-preta. Mota, afirma que, “este alcaloide, DMT, foi reconhecido como princípio enteogênico do vinho da jurema. Ao estudar o vinho da jurema, Gonçalves Lima foi capaz de isolar o DMT como produto natural, sob o nome de nigerina” (MOTA, 2007, p. 129).

Mota (2008), se aprofundou nesse estudo e dialogou com a pesquisa do etnobotânico norte-americano Richard Schultes, este:

Estudava as plantas utilizadas pelos indígenas da América do Sul, incluindo a Jurema. Ele lançou a questão de como a bebida feita das cascas da *Mimosa hostilis* ou *tenuiflora* poderia ter efeitos alucinógenos, já que a substância ativa responsável pelos efeitos de alteração perceptiva – N,N dimetyltriptamina – não era potencializada pois, quando a bebida passava pelo trato intestinal, uma enzima do aparelho digestivo - a mono-amino oxidase (MAO) - se encarregava de não permitir as devidas conexões nos terminais nervosos que levariam o usuário a ter as experiências visionárias. Seria necessário que houvesse um inibidor químico, como a harmina, por exemplo, para impedir a ação da MAO e assim potencializar a ação alucinatória da planta. Schultes se perguntava se não haveria um inibidor, ainda não detectado nas raízes da própria Mimosa, ou se talvez os indígenas não adicionassem outros ingredientes na bebida que contivessem os necessários inibidores? Em conversa pessoal comigo, Schultes declarou achar mais provável a primeira hipótese: de que a própria planta continha substâncias ativas capazes de inibir a ação da MAO. Seria necessário, portanto, continuar a pesquisa sobre a farmacologia da *Mimosa hostilis* (MOTA, 2008, p.5 - 6).

Grünewald (2008), por sua vez, durante sua pesquisa de campo, na região Kariri-Xocó em julho de 2002, identificou que, “o uso da Jurema vai abrindo portas no cérebro que promovem a mudança de percepção e o contato com a planta constantemente já começaria a ser pedra de toque para essas mudanças de percepção na medida em que o cérebro seria estimulado a abrir essas novas portas. O cérebro pode ser treinado e, se a pessoa quiser, aprende, segundo ele, a penetrar nesses novos espaços” (GRÜNEWALD, 2008, p. n/p).

Mas é importante lembrar também que, há muito tempo, Lévi-Strauss já nos chamou atenção para eficácia simbólica de determinadas práticas rituais. Como já nos apontou o grande mestre, sistemas de significados compartilhados socialmente exercem, em alguns casos, efeitos práticos nos estados orgânicos dos indivíduos. Isto é importante, especialmente no campo da antropologia, para que possamos nos afastar tentativas de explicação exógenas da experiência de nossos interlocutores e buscar compreender os sentidos do que determinadas práticas representam para eles.

“Em se tratando de enteógenos, não se deve maximizar excessivamente as propriedades farmacológicas das plantas, mas perceber que estas são veículos do contato com um mundo transcendental perceptível somente através da experiência mística”(GRUNEWALD, 2008, p. n/p).

O que queremos compreender, em outras palavras, são as práticas e os sentidos mais específicos por trás do uso da Jurema em contextos terapêuticos para os seus praticantes. Como sabemos, cada vez mais, o ser humano parece ter uma carência profunda, como lhe faltasse algo, e nessa ânsia de encontrar maneiras de suprir esse vazio aparente, ressurge uma vontade de buscar meios para conectar com o universo, começando por si, encontrando maneiras do ser humano de estar conectadas aos seus semelhantes e ao seu meio (MACRAE, 2009).

Sobre esse sentimento de “vazio” que parece tomar muitos humanos, algumas práticas estão sendo resgatadas e utilizadas em diversos lugares na busca de saúde, equilíbrio e bem-estar, dentre elas está o xamanismo como afirma Matricciani (2013):

Entre essas práticas ancestrais sobressai-se o xamanismo, provavelmente a primeira manifestação da busca espiritual humana e cujos traços remanescentes podem ser encontrados até hoje em quase todas as regiões. Define-se o xamanismo como um conjunto de crenças ancestrais que estabelecem contato com uma realidade oculta, ou estados especiais (alterados) de consciência, a fim de obter conhecimento, poder, equilíbrio e saúde (MATRICCIANI, 2013, p. 19).

“A tradução antropológica sobre o xamanismo denota um conjunto de práticas ancestrais, largamente difundidas, que busca a cura, o autoconhecimento e a compreensão das manifestações da natureza” (BITTENCOURT, 2016, p. 164). Sobre isso ele afirma:

Segundo Edward MacRae (1992) a origem do nome surge na tribo dos Tungs, na Sibéria, derivado do nome samã (aquele que é inspirado pelos espíritos). Os xamãs seriam “guias espirituais”, aqueles que assumiriam uma profunda relação de conhecimento e aprendizado com o universo mítico e sobrenatural,

usando as plantas de poder consideradas sagradas, mestras ou professoras como acesso aos ensinamentos aprendidos e proferidos deste “reino espiritual”. São sujeitos vistos socialmente como os mestres do mundo espiritual, obtendo diversos conhecimentos acerca da medicina da floresta. O arquétipo do sujeito xamã é o “curador ferido”, refletindo o ser que se auto curou e por ter trilhado o “caminho da cura” está apto a realizar, aconselhar ou direcioná-la em outros sujeitos por diversas técnicas (BITTENCOURT, 2016, p. 164-165).

Vivências da Roda de Medicina Ancestral

As vivências terapêuticas, vieram desse caminho Tolteca vivido pelo xamã, durante seu aprendizado entre os mexicanos, o poder da fala despertaria a transformação pessoal e que segundo ele faz florescer os dons de cada um.

Como já foi colocado sobre a Roda Tolteca, chamada pelo xamã atualmente de Roda de Medicina Ancestral, ele conta que essa mudança¹⁰ buscou ampliar o uso das plantas de poder e práticas realizada no âmbito sagrado e terapêutico. Segundo o xamã, as medicinas como Kambô, Rapé, Jurema, Ayahuasca, fazem parte de sua caminhada e, por isso, o nome “medicina ancestral”. Fazem parte também dessas terapias vivenciais, o preparo que ocorre dias antes dos rituais¹¹. A arrumação e limpeza do espaço, a alimentação viva, com alimentos crus e orgânicos, entre outras atividades.

Sobre o kambô, não tive a oportunidade de presenciar este ritual que o xamã realiza, ele contou que sempre faz em dias diferentes do ritual da Jurema, por ser um outro trabalho, que segundo ele, até pode ser um dia antes de tomar o chá da Jurema. Uma das integrantes afirma que antes de fazer parte da Roda, numa espécie de anamnese, o xamã aconselhou dela tomar o kambô, sobre isso ela contou:

Ele foi encontrar os caminhos de acordo com as dificuldades que eu tinha, agora vamos fazer assim ‘antes de você ir para a Jurema, tome o kambô’, aí eu disse, está ótimo. Muito kambô para ver se eu consigo me abrir um pouco mais...porque realmente eu não consigo está em lugares que tenha muita gente, que tenha multidão [Entrevista de uma das integrantes, 2020].

¹⁰ Segundo o xamã, essa mudança veio à tona durante o período de pandemia, e que o caminho Tolteca, que era algo mais particular na sua vida, fez mais sentido ampliar a Roda para mais rituais, usando medicinas, além da Jurema.

¹¹ Três dias que antecede os rituais, os integrantes ficam sem praticar sexo, sem beber bebidas alcoólicas, tendo uma alimentação leve, além, segundo eles, de terem pensamentos sempre elevados, assim como terem boas condutas, evitarem brigas, conflitos, desentendimentos.

Francisco traz como proposta nos seus rituais essas práticas terapêuticas para facilitar que cada integrante possa chegar cedo, na parte da manhã, realizando esta preparação, de modo que quando forem beber o chá da Jurema, estejam presentes e plenamente conectados aos rituais. Deste modo, segundo o xamã, os participantes poderão vivenciar melhor a força e os ensinamentos da Jurema.

Nas fases de reabertura, durante a pandemia, foram realizadas algumas vivências deste tipo. Vivências, que duram o dia inteiro, iniciando pela manhã, entre 9h, realizando algumas atividades e práticas durante o dia e na parte da tarde, por volta das 17h, o ritual com o chá da Jurema, durante até as 22h.

Os rituais atualmente têm sido realizados por meio dessas vivências, onde todos chegam pela manhã. Ao acessarem esse local, dá-se início à limpeza e à higienização de todo o espaço e o preparo do almoço, o qual geralmente é descrito pelo grupo como “almoço vivo” e é composto por frutas, grãos, folhas frescas, molhos caseiros de ervas sem nenhum tipo de conservantes, açúcar, e sem nenhuma proteína animal, aditivos, nada ou nenhum produto industrializado.

Toda essa preparação vivencial é, segundo eles, para sensibilizar todos para a experiência com a Jurema, de uma forma preparatória para a consagração da planta de poder, que para eles ocupa um ponto central entre todas as atividades do dia. Este processo de preparação tem como objetivo que todos tenham uma abertura psíquica durante a vivência.

“Esse cuidado pessoal é muito importante, esse cuidado anterior a Roda, esse preparo: cuidar da alimentação, das emoções, essa é uma característica do xamanismo, se preparar bem antes do processo e como proposta, é que essa preparação faça parte do dia a dia, mudar esse comportamento diante das pessoas, perante a sociedade” [Entrevista com um integrante e terapeuta, 2020].

Sobre a importância desta preparação antes do ritual com a Jurema, uma das integrantes nos diz:

Uma coisa que eu particularmente acho boa no trabalho é que antes sempre tem um processo, eu diria, de acolhimento, que seja uma Roda de Terapia Comunitária, ou uma meditação, eu acho esse trabalho fundamental, porque eu desligo o que tá fora, do que não é necessário naquele momento e fico apenas na Roda. Eu naquele momento sou aquela Roda, faço parte daquela Roda, e o que é fora daquele momento, não vai entrar ali, sou eu e a minha necessidade de estar na Roda, então

não vai ter ‘aí meu Deus quando eu chegar em casa, vou ter as coisas...’, não, isso não vai acontecer [Entrevista com uma das integrantes, 2020].

Após o almoço vivo, que segundo eles faz parte da vivência, mas também é o preparatório do ritual com a Jurema, todos vão para um trabalho corporal. Dependendo do dia, este trabalho corporal e terapêutico pode ser realizado por meio da Yoga, da Terapia Comunitária, da meditação e da biodança.

Na minha primeira ida a campo, pude observar e participar do preparo ritualístico do chá da Jurema, chamado por eles de feitio. Na segunda ida, participei da Roda Tolteca, com a Terapia Comunitária. Na minha terceira vez ao campo, participei da Roda de Medicina Ancestral, neste formato de vivência. Nesta última vez, pude participar da biodança, que segundo o terapeuta que a conduziu, “é um recurso terapêutico que estimula a espontaneidade, a expressão, a consciência corporal e a sociabilidade. Além disso a biodança contribuí para a redução do estresse” [Entrevista com um dos integrantes, que é terapeuta, 2020].

O objetivo das terapias é melhorar a qualidade de vida ao buscar o equilíbrio emocional e fisiológico. Conforme seus praticantes, ela faz parte do trabalho preparatório para a grande espera da vivência com Jurema. Segundo o xamã, a vivência deve ser incorporada a uma prática diária - é um estilo de vida, de uma forma escolhida pelo grupo, desde alimentação consciente¹², como a cuidar e ajudar o outro.

Depois do almoço há um intervalo de 1h antes da prática corporal. O trabalho corporal do xamã e seu assistente consiste nas práticas corporais, dentre elas a biodança. Esta prática dura aproximadamente 2h, iniciando normalmente com aquecimento, dinâmica de grupo e elaboração e terminando com falas coletivas, coordenadas pelos terapeutas.

Após a biodança, inicia-se a preparação do tão esperado ritual com a Jurema. Neste momento, o espaço é organizado com cadeiras colocadas em forma de círculo dentro do salão, instrumentos são posicionados entre objetos ritualísticos estrategicamente colocados, como tambores, maracás, velas, incensos e cristais.

¹² Sem nenhum derivado de proteína animal, ou do agronegócio.

Diante dessa preparação, que reúne todos para tomarem a Jurema, é perceptível que a planta de poder é o ritual central que une a todos. Com o salão organizado, o xamã chama a todos para iniciar o ritual com a Jurema. Todos em Roda, o xamã se posiciona em uma espécie de casinha que fica dentro do salão. Há um local específico onde é servido Jurema, e neste momento é executada uma música de abertura (“Vou abrir minha Jurema, vou abrir meu Juremá...”) que é acompanhada por todos em cantoria. Forma-se uma fila para tomarem o chá da Jurema. A medida de cada copo é de 50ml¹³.

Terminado de servir a Jurema, cada um vai se posicionando sentado nas cadeiras brancas de plástico, ou deitando-se em esteiras de palha que são deixadas no salão durante o ritual. No decorrer do ritual o xamã, depois de servir a todos, fica sentado próximo da casinha e próximo aos músicos. Alguns integrantes que têm conhecimentos musicais participam da execução dos instrumentos durante os rituais.

Após servido o chá da Jurema, o xamã dá continuidade aos rituais. As músicas são cantadas, segundo o xamã, muitas advindas de composições pessoais, hinos da doutrina do Santo Daime, que compõe hinários específicos desta linha, como já explicado aqui, mantras, e cânticos xamânicos.

Os versos das músicas, trazem mensagens que exaltam o amor, o respeito a vida, ao planeta, ao trabalho material e espiritual, à família, é mencionado uma diversidade e a pluralidade de várias cosmologias, a saúde, a alegria, louvam a “mãe terra”, falam de uma consciência planetária. Depois de 50 minutos de músicas e mantras cantados, há uma média de 40 minutos de silêncio, para meditação. Após esse momento meditativo, começa o momento de fala, na força da Jurema, fala essa, que segundo eles, vem do coração. Então, todos que sentirem e quiserem podem falar. Nos rituais observados, esse momento durou entre 1h:20min a 1h:40min.

Sobre esse ritual com Jurema, segundo uma das integrantes, é um processo de imersão:

Então abre a “Gestalt”, seja com o processo de meditação, roda de terapia, com a música, com Paru (indígena dos Kariri-Xocó) cantando, abre essa Gestalt e no final tem o fechamento dessa Gestalt, e aí o que eu vou fazer pro mundo além da roda, o que eu vou fazer com tudo aquilo que eu vivenciei na roda?, agora com esse mundo aqui, com essa história, com esse ambiente urbano que eu vivo, eu vivo no Centro da cidade, então o que é que eu vou fazer com tudo aquilo que eu vivi lá,

¹³ Fórmula e concentração, como segredo do xamã.

agora no aqui e no agora, então eu vejo dessa forma, pra mim a roda é Gestalt que se abre e que se fecha, de uma maneira bastante harmoniosa, sutil, resiliente, me bota num lugar de alteridade, é novamente Jung lugar de alteridade (risos) é porque eu gosto de Young [Entrevista com uma das integrantes, 2020].

Das três vezes que fui a campo, duas vezes teve a presença e a participação de grupos étnicos dos Kariri-xocó do estado de Alagoas, já estudados por Clarice Mota, e mencionados aqui. Esses povos tradicionais indígenas, realizaram o ritual do Toré dentro da Roda e também levaram seu artesanato para exposição e venda. Depois desse momento de dança do Toré, o xamã abre mais um serviço de chá da Jurema para todos, repetindo mesmo ritual do primeiro momento em que ele serviu, em seguida, são retomados os cânticos de músicas advindas de integrantes do grupo.

Após os cânticos, há um segundo momento de fala, que de acordo com o xamã, é a última parte do ritual, onde cada um, fala do que vivenciou e sentiu da força e dos ensinamentos ali experienciados. Os conteúdos vividos são compartilhados de forma coletiva. Esse momento, chama atenção, porque as experiências descritas pelos membros integrantes, são conteúdos integrativos, as falas da descrição vivencial foram evidenciado a resolução de conflitos familiares, existenciais, de traumas psicológicos, ansiedade. As situações conflitantes, mostram que alguns traumas duram muito tempo. Como nas terapias em consultórios que podem perdurar muito tempo, algumas resoluções podem passar muito tempo ou não, durante as experiências com plantas de poder, ou mesmo nem sempre esses indivíduos se sentem prontos para a resolução destes problemas.

Cada *insight* perceptível nas falas dos integrantes, relata mudanças graduais, como escolhas melhores, que segundo os mesmos, trazem melhorias diante da relação com os conflitos. Uma das integrantes que também é terapeuta conta como é Jurema na visão dela:

Pra mim a Jurema ela é um despertar, ela na minha vida funciona assim, como um despertar, um acordar para aquilo que eu já vinha buscando, mas eu não encontrava, ela me trouxe um preenchimento do que eu estava necessitando nesse momento, no futuro eu não sei, não sei o que o futuro reserva, mas agora ela me deu esse preenchimento, esse despertar para uma nova fase, para o novo momento da minha vida, sem sofrimento, sem angústia e foi, está sendo para mim desde o início, muito suave, se eu fosse fazer uma comparação poética, a Jurema seria o cheiro da mão da minha avó. Porque a mão da minha avó é a coisa mais transcendental e espiritual que eu já conheci na vida. [...]. Ela não tem um lugar para mim muito racional, muito teórico, ela tem um lugar

para mim, eu diria poético, lúdico de algo que eu buscava e eu não encontrava, a Jurema me deu esse lugar, então, a comparação é isso, o cheiro da mão da minha vó na minha vida, é ancestral, ela me remete a isso [Entrevista com uma terapeuta integrante do grupo].

Considerações finais

Nesta pesquisa procurei analisar as práticas e sentidos associados à Jurema em rituais neoxamânicos dentro de contextos terapêuticos, para isso, busquei inicialmente discutir como a Jurema tem sido tradicionalmente estudada em seus aspectos históricos e terapêuticos, compreendendo as diversas faces simbólicas que ela possui nestes meios - na aldeia indígena, no meio rural com o catimbó, no terreiro de candomblé, na umbanda, em Rodas neoxamânicas, ela traz ensinamentos, força, saúde e é o elo central que une a todos.

E nesse entendimento das plantas de poder, além da Jurema há um vasto estudo sobre outras plantas, que trouxe aqui uma discussão sobre a Ayahuasca, cactos *Peyote*, São Pedro, cogumelos, revelando a riqueza destas plantas quanto aos seus usos, e propriedades psicoativas, que são sacralizadas em rituais, numa cosmovisão do sagrado e do espiritual para aqueles que as utilizam.

Para a compreensão desse estudo junto as plantas de poder, busquei participar destes rituais neoxamânicos junto aos integrantes que utilizam a Jurema. Cada fala e expressão dos integrantes sobre o uso desta planta dentro das vivências terapêuticas, relatam que se sentem a cada momento mais prontos para o enfrentamento dos problemas diários. Eles buscam uma terapêutica com a planta.

Durante todos esses anos de rituais conduzidos pelo xamã muitas pessoas conheceram a Jurema e tanto ela, quanto o xamã contribuíram para o surgimento de grupos dissidentes, cada grupo foi construindo uma abordagem própria, sendo cada grupo único, mas como elemento central, ela, a Jurema.

O que podemos observar é que, beber o chá da Jurema é o elo central destes rituais, e que estas experiências em grupo, permitem que as relações interpessoais se tornem cada vez mais próximas, criando um elo de ligação forte entre eles, como eles mesmo se consideram, são uma família, e que sentem a vida ser mais harmoniosa, a terem aceitação

das diferenças, respeito e amor acima de tudo. Mas nem por isso não deixem de ter algumas tensões ou conflitos entre suas formas de pensar e agir.

Foi importante estar próximo ao local destes rituais e ter construído estas redes de contatos, isso permitiu a oportunidade de poder vivenciar junto a este grupo, bem como, relatar tais experiências. Mesmo que a pandemia tenha abalado o trajeto inicial, mas o contorno foi necessário, e mesmo com esse distanciamento social, consegui adentrar por estas “matas” da Jurema.

Diante dessas “matas” com muito a explorar, este trabalho não tem a pretensão de revelar toda a complexidade e a riqueza em torno deste universo. Mas, que a partir dele, espero poder contribuir para ampliar um pouco mais a compreensão sobre esse campo.

Referências

ASSIS, Glauber Loures de. **A Religião of the Floresta**: Apontamentos sociológicos em direção a uma genealogia do Santo Daime e seu processo de diáspora. Tese (Doutorado em Sociologia), Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG, Belo Horizonte, 2017.

BARRETO, Marcus Vinícius. 2019. "Jurema". In: **Enciclopédia de Antropologia**. São Paulo: Universidade de São Paulo, Departamento de Antropologia. Disponível em: <http://ea.fflch.usp.br/conceito/jurema>>.

BITTENCOURT, Miguel Colaço. **A divinização e a enteógenia das plantas**: uma introdução para o campo drogas/ cultura. REIA- Revista de Estudos e Investigações Antropológicas, ano 3, volume 3(2):162-197, 2016.

BRITO, Aline Franco Sampaio; MARQUES, Juracy; MORIMITSU, Paulo Wataru; TOMÁZ, Alzení de Freitas. Os Complexos Sistemas da Jurema Preta: Espécie Botânica e Representações do Sagrado na Cultura do Povo Indígena Pankararé, Raso da Catarina - Glória - Bahia – Brasil in **Natureza Sagrada**: Ensaio de Ecologia Humana. Textos produzidos no Mestrado em Ecologia Humana da UNEB Campus VIII, Paulo Afonso – BA, durante a realização da disciplina Subjetividades Contemporâneas e Ecologia em 2011.

CAMARGO, Maria Thereza Lemos de Arruda. **Os poderes das plantas sagradas numa abordagem etnofarmacobotânica**. Rev. do Museu de Arqueologia e Etnologia, São Paulo, 15-16: 395-410, 2005-2006.

_____. **As plantas medicinais e o sagrado, considerando seu papel na eficácia das terapias mágico-religiosas**. Revista Nures, Ano X, Número 26, janeiro-abril de 2014.

COUTINHO, Tiago; LABATE, Beatriz Caiuby. “**O meu avô deu a ayahuasca para o Mestre Irineu**”: reflexões sobre a entrada dos índios no circuito urbano de consumo de ayahuasca no Brasil. Revista de Antropologia, São Paulo, USP, 2014, v. 57 n° 2.

FERNANDES, Saulo Conde. **Xamanismo e neoxamanismo no circuito do consumo ritual das medicações da floresta**. Horiz. antropol., Porto Alegre, ano 24, n. 51, p. 289-314, maio/ago. 2018.

FERREIRA, Sócrates Pereira & SOUZA, Kedma Mendonça Pereira de. **A Morada Sagrada: A Jurema no espaço religioso Afro-Brasileiro Na Cidade De Alhandra/PB**. CCHLA – Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes – UFPB VIII Conhecimento em Debate – 03 a 07 de novembro de 2008.

GAUJAC, Alain. **Estudos sobre o psicoativo N,N-dimetiltriptamina (DMT) em Mimosa tenuiflora (Willd.) Poiret e em bebidas consumidas em contexto religioso** - 2013. 183 f. : il Tese (Doutorado em Química) Universidade Federal da Bahia – UFBA, Salvador.

GOULART, Sandra. O contexto do surgimento do culto do Santo Daime: formação da comunidade e do calendário ritual. In: LABATE, Beatriz e ARAÚJO, Wladimir (Orgs). **O Uso Ritual da Ayahuasca**. Campinas: Mercado de Letras; São Paulo: Fapesp, 2002.

GRÜNEWALD, Rodrigo de Azeredo. Sujeitos da Jurema e o resgate da “ciência do índio” In: LABATE, Beatriz C. & GOULART, S. L, **O uso ritual das plantas de poder**. Campinas, Mercado das Letras, 2005.

_____. **Toré e Jurema: emblemas indígenas no nordeste do Brasil**. Cien. Cult., São Paulo, 2008.

_____. Jurema e novas religiosidades metropolitanas. In: ALMEIDA, Luiz Sávio; SILVA, Armando H. L. da. **Índios do Nordeste: Etnia, política e história**. Maceió, Edufal, 2008.

_____. **Nas Trilhas da Jurema.** Religião e Sociedade. Revista Religião e Sociedade. Rio de Janeiro, 38(1): 110-135, 2018.

LABATE, Beatriz Caiuby. **A reinvenção do uso da ayahuasca nos centros urbanos.** 2000. 426 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) Universidade de Campinas - Unicamp, São Paulo.

LIRA, Wagner Lins. **Daqui nós tira um ouro de chá! Umbanda, Santo Daime e xamanismo popular no tratamento religioso de patologias físicas, mentais e espirituais:** o caso de um Terreiro alagoano – 2016. 491 f. : il. ; 30 cm. Tese (Doutorado em Antropologia) Universidade Federal de Pernambuco, Recife.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **Antropologia Estrutural.** 6 ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2003.

MAGNANI, José Guilherme. **Mystica Urbe:** um Estudo Antropológico do Circuito Neo-esotérico na Cidade. São Paulo, Studio Nobel, 1999.

_____. **Xamãs na cidade.** REVISTA USP, São Paulo, n.67, p. 218-227, setembro/novembro 2005.

MEDEIROS, Guilherme. **O uso ritual da Jurema entre os indígenas do Brasil Colonial e as dinâmicas das fronteiras territoriais do Nordeste do século XVIII.** Congresso Internacional Las sociedades fronterizas del Mediterráneo al Atlántico (ss. XVI-XVIII). Madrid, 2006.

MOTA, Clarice Novaes da. "Jurema e identidade: um ensaio sobre a diáspora de uma planta" In: LABATE, Beatriz C. & GOULART, S. L, **O uso ritual das plantas de poder.** Campinas, Mercado das Letras, 2005.

_____. **Os filhos de Jurema na floresta dos espíritos:** ritual e cura entre dois grupos indígenas do Nordeste brasileiro. Maceio, EDUFAL, 2007.

_____. **Considerações sobre o processo visionário através do uso da jurema indígena.** Trabalho apresentado na 26 RBA realizada entre os dias 01 e 04 de junho de 2008, em Porto Seguro – BA.

MACRAE, Edward. **Guiado pela Lua**. Xamanismo e uso ritual da ayahuasca no culto de Santo Daime. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1992.

_____. O uso ritual de substâncias psicoativas na religião do Santo Daime como um exemplo de redução de danos. In: Nery Filho, A., et al. Orgs. **Toxicomanias: incidências clínicas e socioantropológicas**. Salvador: EDUFBA, 2009.

MAIA-SILVA, Camila [et al.] **Guia de plantas: visitadas por abelhas na Caatinga**- 1. ed. -- Fortaleza, CE : Editora Fundação Brasil Cidadão, 2012.

MATRICCIANI, Fany Carolina de Castro. **Xamanismo Universal**. O Voo da Águia. TCC em Bacharel em Psicologia. Osasco, 2013.

PORDEUS JÚNIOR, Ismael. **A expansão da Jurema na Península Ibérica**. Revista de Ciências Sociais, Fortaleza, v. 45, n. 1, 2014, p. 247-262.

SALLES, Sandro Guimarães de. **À sombra da Jurema: a tradição dos mestres juremeiros na Umbanda de Alhandra**. Revista ANTHROPOLÓGICAS, ano 8, volume 15(1): 99-122 (2004).

_____. **Religião, espaço e transitividade: Jurema na mata norte de PE e litoral sul da PB**. 2010. 270 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) Universidade Federal de Pernambuco – UFPE, Recife.

SAMPAIO, Dilaine Soares. **Catimbó e Jurema: Uma recuperação e uma análise dos olhares pioneiros**. Debates do NER, Porto Alegre, Ano 17, N. 30, P. 151-159, JUL./DEZ. 2016.

SANTOS-SILVA, Juliana; FRAGOMENI, Simon Marcelo; TOZZI, Ana Maria Goulart de Azevedo. **Revisão taxonômica das espécies de Mimosa ser. Leiocarpae sensu lato (Leguminosae Mimosoideae)**. Rodriguésia, Rio de Janeiro, v. 66, n. 1, p. 95-154, Mar. 2015. Disponível em:

<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2175-78602015000100095&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 25 Jun. 2020.

STRASSMAN, Rick. **DMT – A molécula do espírito**. Tradução Dermeval de Sena Aires Júnior. Brasília: Centro Espírita Beneficente União do Vegetal, 2019.